

ENTRE HEIDEGGER E BAKHTIN: Discussões filosófico-discursivas sobre o Ser e a Linguagem

Wilder Kleber Fernandes de Santana¹

Universidade Federal da Paraíba

Helcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva²

Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ-Estrela do Sul)

Resumo

Este trabalho se propõe a analisar os discursos filosóficos de Heidegger e Bakhtin, especialmente no que diz respeito às concepções sobre o ser e a linguagem. Para constatar as relações dialógicas entre os filósofos é preciso resgatar os discursos proferidos por eles no âmago de uma construção filosófica sobre o ser, o que se dá na materialidade de seus textos, pelo pensamento e pela linguagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, por meio da qual incidimos olhares linguístico-científicos sobre a correlação existente entre as obras *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1979) e *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010). Alguns resultados desta pesquisa apontam para o fato de que Bakhtin, ao reenunciar escritos heideggerianos, reelabora a concepção de ser e de linguagem. Enquanto na base epistemológica, o ser na concepção de Heidegger, o ser é o Dasein. Logo, se dá como presença, linguagem, pensamento e realidade, na compreensão de Bakhtin, em diálogos com Volóchinov, o ser se constitui no sujeito e na alteridade, pela linguagem e na interação viva entre os sujeitos falantes e suas consciências, nas relações dialógicas de enunciados de naturezas histórica, sócio-interacional, ideológica e linguística.

Palavras-chave: Bakhtin; Heidegger; Ser; Linguagem; Sujeito.

BETWEEN HEIDEGGER AND BAKHTIN: Philosophical-discursive discussions about Human being and Language

Abstract

This paper aims to analyze the philosophical discourses of Heidegger and Bakhtin, especially according the conceptions about human being and language. In order to verify the dialogical relations between philosophers, it is necessary to rescue the discourses by them at the core of a philosophical construction about human being,

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling- UFPB, 2018). Mestre e Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional (FTN). Mestrando em Arqueologia Bíblica pela Faculdade Teológica Nacional (2017) e Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7569-499X>. E-mail: wildersantana92@gmail.com

² Doutora (DF/PUC-Rio-2016) e Mestre em Filosofia (UFPB/2006). Doutorado em Linguística (PROLING/UFPB-2015). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4719-0863>. E-mail: helciamacedo@gmail.com

which occurs in the materiality of yours texts, thought and language. This is a bibliographic research, through which we focus linguistic-scientific glances on the correlation between the works Being and Time (HEIDEGGER, 1979) and Towards a philosophy of responsible act (BAKHTIN, 2010). Some results of this research point to the fact that Bakhtin, by re-enacting Heideggerian writings, re-elaborates the conception of human being and language. While on Heidegger's epistemological basis, the design od this, the being is the Dasein. Therefore, it gives a presence, language, thought and reality, in dialogues with Volochinov, human being constitutes itself in the subject and otherness, in language and in the living interaction between speaking subjects and their consciousness, in relationships. dialogic of statements of historical, socio-interactional, ideological and linguistic nature.

Keywords: Bakhtin; Heidegger; To be; Language; Subject.

ENTRE HEIDEGGER Y BAKHTIN: Discusiones filosóficas-discursivas sobre el ser y el lenguaje

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar los discursos filosóficos de Heidegger y Bakhtin, especialmente en lo que respecta a las concepciones sobre el ser y el lenguaje. Para verificar las relaciones dialógicas entre filósofos, es necesario rescatar los discursos dados por ellos en el núcleo de una construcción filosófica sobre el ser, que ocurre en la materialidad de los textos, el pensamiento y el lenguaje. Esta es una investigación bibliográfica, a través de la cual enfocamos miradas lingüístico-científicas en la correlación entre las obras Ser y Tiempo (HEIDEGGER, 1979) y Hacia una filosofía del acto responsable (BAKHTIN, 2010). Algunos resultados de esta investigación apuntan al hecho de que Bakhtin, al recrear los escritos heideggerianos, reelabora la concepción del ser y el lenguaje. Mientras que sobre la base epistemológica, el ser el Dasein. Por lo tanto, si se da, como la presencia, el lenguaje, el pensamiento y la realidad, en la comprensión de Bakhtin, en los diálogos con Volochinov, el ser se constituye en el sujeto y la otredad, en el lenguaje y en la interacción viva entre los sujetos que hablan y su conciencia, en las relaciones dialógico de declaraciones de carácter histórico, socio-interaccional, ideológico y lingüístico.

Palabras clave: Bakhtin; Heidegger; Ser; Lenguaje; Sujeto.

Introdução

Este trabalho se insere no contínuo debate reenunciativo entre os discursos filosóficos propostos por Heidegger (1889-1976) e Bakhtin (1895-1975) sobre a questão do ser e da linguagem. Os reacentos e valorações ético-estético-cognitivos realizados por Bakhtin em relação a filósofos e cientistas,

dentre os quais Heidegger, materializam-se no horizonte de suas produções discursivas sob viés da linguagem e suas relações dialógicas.

Analisar a questão do Ser e do ser na linguagem, a partir das proposições de Bakhtin e de Heidegger constitui o nosso objetivo geral. Nesta perspectiva vale ressaltar que a filosofia heideggeriana faz a diferenciação do Ser, com letra maiúscula, para indicar o caráter ontológico, e do ser, com letra minúscula, evidenciado o lado ôntico. Os objetivos específicos consistem em: a) estudar os pressupostos da *Philosophia Prima*, na filosofia bakhtiniana da linguagem, e do ser da linguagem em Heidegger (1979); b) discutir as coincidências do(s) discurso(s) enquanto construções da linguagem em ambos os filósofos e c) apresentar a linguagem na ótica discursiva em *Para uma filosofia do ato responsável* de Bakhtin (2010). Este caminho a ser trilhado nos estudos aponta para enunciabilidades heterodiscursivas entre Heidegger e Bakhtin.

O presente manuscrito se insere em uma linha de discussões que se têm feito, em âmbito nacional e internacional, sobre os pontos de convergência entre os filósofos supracitados, haja vista a amplitude reconhecida pela literatura da perspectiva teórica desses pensadores sobre a linguagem. Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e de cunho interpretativista, cuja metodologia aplicada segue a proposta dialógica desenvolvida por Bakhtin, primando pela compreensão responsiva das obras e pelo diálogo, o qual sempre “passou pelo princípio do agir dialógico, por parte do pesquisador!” (SAMPAIO, 2013, p. 14).

Dada a contemporaneidade dos pensadores, Bakhtin³ e Heidegger⁴ e a semelhança entre diversos de seus escritos filosóficos, fomos impulsionados a seguinte questão de pesquisa: que efeitos de sentido presidem a construção filosófico-literária de Bakhtin, a partir de suas imersões nos escritos heideggerianos?

³ Bakhtin nasceu em 1895 (Oriol, Rússia) e faleceu em 1975 (Moscou, Rússia).

⁴ Heidegger nasceu em 1889 (Meßkirch, Alemanha) e faleceu em 1986 (Friburgo em Brisgóvia, Alemanha).

Nossa hipótese concentra-se nas relações dialógicas do discurso bakhtiniano em relação ao discurso heideggeriano, a partir dos entrelaçamentos enunciativos nos dizeres bakhtinianos e suas reenunciações e ressignificações. Com efeito, esses filósofos sempre estiveram em lugares geograficamente distintos e, pelo que consta até o momento, nunca se encontraram. Não obstante, há marcas linguísticas que aproximam suas perspectivas teóricas, como mostra a pesquisa bibliográfica ora apresentada. Encontramos proferimentos que indiciam os entrelaçamentos enunciativos entre os pensadores, inclusive, no fato temporal, quanto à discussão sobre o conceito de *Ser de linguagem* (HEIDEGGER, 1979) e *ser/existir-evento* (BAKHTIN, 2010).

De certo, os pensamentos que Bakhtin e Heidegger desenvolveram são singulares. No caso do primeiro, sua teoria versa sobre a linguagem e a “densidade dialógica com o discurso heterocientífico”⁵ (Cf. BAKHTIN, 2006, p. 400), o que consiste na aquisição da materialidade e expansão descritivo-analítica em diversos campos do saber. Para Heidegger, o ser é doação da linguagem e não o contrário, “[...] a linguagem é o faculto o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é homem” (HEIDEGGER, 2012, p. 7).

Diante do exposto, passamos à pesquisa científica que contempla um estudo que articula Filosofia e Linguística, uma vez que não são muitos os estudos que priorizam tal interdisciplinaridade. Vale, no entanto, destacar alguns relevantes trabalhos, a saber, Simões (2016), intitulado *Ser e Linguagem em Bakhtin: diálogos com a filosofia heideggeriana*, publicada na revista *Ao pé da letra*, bem como *Bakhtin e Heidegger: caminhos para a compreensão e interpretação do acontecimento do ser na linguagem* (SAMPAIO; SOUZA; MACEDO, 2013), publicado na revista *Bakhtiniana*. O

⁵ Na ótica de Bakhtin (2006 [1979], p. 400), “o diálogo do cognoscente ou “o ativismo dialógico do sujeito cognoscível e seus graus”, é assim que “Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Este termo é trazido para fazer menção à heterocientificidade do lugar da filosofia, que pode ser definida como metalinguagem de todas as ciências (e de todas as modalidades de conhecimento e consciência).

resumido levantamento do estado da arte possibilitou-nos encontrar discussões relevantes. E para não retomar todos os momentos da tradição de estudos sobre essa temática, vamos delimitar o máximo possível, para concluir o trabalho a contento e em tempo hábil, como sendo mais uma contribuição para o debate em pauta.

Uma breve explanação sobre o conceito de linguagem é a primeira seção desta pesquisa. Um ponto primordial para se compreender o que vem a ser linguagem e delimitar como esta pesquisa adota tal conceito. No estudo acerca do Ser e do ser, com letras iniciais maiúscula e minúscula, respectivamente, na segunda seção, intitulada *Considerações basilares sobre a linguagem e o ser segundo Heidegger*, encontra-se a apresentação do que se considera ontológico para Heidegger (do *ser-aí* - em alemão *Dasein*) e ôntico (das categorias - em alemão *ontisch*), distinguidas cada uma de suas características. A *Philosophia Prima*, desenvolvida e reacentuada nas produções bakhtinianas, na terceira seção, é estudada com o fito de demonstrar o panorama teórico com fundamentos essenciais da linguagem⁶ e do ser quando da necessidade essencialmente humana de seus processos sociais, históricos e ideológicos.

Um breve percurso sobre o conceito de linguagem

No livro *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault* (MARCONDES, 2009) encontramos um apanhado dos temas centrais sobre a linguagem desde o início da filosofia, na Grécia Antiga, até o século XX, com Foucault.

Na esteira de Marcondes (2009), entendemos que a linguagem é mais difícil de compreender porque nos é familiar, essencialmente “Todo o ser humano é um ser de linguagem”, como afirma Wittgenstein (2000, § 89). Na realidade, nós usamos a linguagem e sabemos fazer isso porque

⁶ A discussão sobre linguagem situa-se no ponto em que Bakhtin possibilita a compreensão teórico-metodológica do texto, por exemplo, como os enunciados se articulam para possibilitar a construção de sentidos.

apre(e)ndemos espontaneamente e na convivência social com outros sujeitos. Contudo, definir linguagem não é algo simples, embora seja uma capacidade natural do ser humano, para Heidegger, a linguagem acontece no humano para este possa dialogar com a realidade e construir sentido. É justamente essa dificuldade de definir a linguagem que tem ocupado filósofos e linguistas em torno de dois problemas, a saber, qual é a relação entre a linguagem e a mente, ou o pensamento? “E, a linguagem é sempre uma expressão de um pensamento, previamente constituído e que se manifesta, se explicita linguisticamente?” (MARCONDES, 2009, p. 9).

Certamente, esses e outros questionamentos foram norteadores para a investigação de Marcondes (2009), que apresenta esses temas. Para entender deve-se, então, ler o referido livro na íntegra. Segundo o referido autor, é necessário trazer à discussão o que cada pensador fala sobre determinado assunto, a fim de dar consistência aos estudos sobre a linguagem. O trecho abaixo refere-se a algumas teorias desenvolvidas no contexto da linguagem.

Algumas das principais teorias desenvolvidas nesse contexto buscam uma forma de tratamento da linguagem enquanto estrutura lógica ou sistema de signos com regras internas, independentes do sujeito linguístico, tal como encontramos, por exemplo, embora em perspectivas muito diferentes, tanto em Frege quanto em Saussure. Por outro lado, a visão da linguagem como cultura e, portanto, determinada histórica e socialmente, começa também a se desenvolver nesse período como alternativa ao mentalismo e ao subjetivismo. Assim, o historicismo de Humboldt será marcante em pensadores como Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, os autores da chama hipótese Sapir-Whorf, segundo a qual a linguagem é indissociável da cultura do povo que a usa. (MARCONDES, 2009, p. 11).

Ao evidenciar teorias da linguagem, Marcondes (2009) explica visões social e histórica. As teorias de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941) foram criticadas por Volochínov [2017 (1929)] em *Marxismo e filosofia da linguagem*. A partir desses ensinamentos, trazemos uma discussão que entrelaça o discurso dos pensadores Bakhtin e Heidegger. Volochínov (2017 [1929], p. 196) expõe:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de uma produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Observa-se que a dimensão da linguagem, tal como Volochínov (2017 [1929]) a percebe, amplia-se exponencialmente. Ao se usar a linguagem, portanto, realizam-se interações verbais, um sujeito falante em relação aos outros sujeitos falantes, numa relação intercambiável.

Em Heidegger (1979), por seu turno, sobressai a discussão no parágrafo (§) 34 de *Ser e tempo* acerca da “distinção entre discurso (*Rede*) e linguagem (*Sprache*), embora essa não seja ainda uma questão central em seu pensamento”, afirma Marcondes (2009, p. 123). É em *A caminho da linguagem* que Heidegger (1959) trata, especificamente, da questão da linguagem como condição originária para que o ser torne-se humano.

Reconhecer, portanto, que há coincidência do dizer entre Bakhtin e Heidegger em um ponto, especificamente aqui destacado, consiste em tornar visível o fato de que a linguagem não é um subjetivismo abstrato, como firmou Bakhtin e que se deve ter uma visão da linguagem fora da relação subjetivista, como defendeu Heidegger, esta perspectiva é uma das discussões que trazemos nas seções seguintes.

Considerações basilares sobre a linguagem e o Ser segundo Heidegger

Para tratar da questão da linguagem, um dos caminhos possíveis é a delimitação apresentada por Marcondes (2009, p. 123), “Para Heidegger não é o ser humano, mas a linguagem que fala: ‘Dien Sprach Spricht’ (‘A linguagem fala’), é como ele expressa essa visão”. A crítica heideggeriana à tradição da metafísica ocidental é radical. A fortuna crítica sobre Heidegger define o termo ontologia da seguinte forma: “estudo dos caracteres fundamentais do ser: os que todo ser tem e não pode deixar de ter” (ABBAGNANO, 2000, p. 662).

Heidegger concede um novo rumo ao buscar o mais originário e fundamental da retomada da ontologia. Em diversos momentos deste texto, usamos o termo: Ser (Ontológico), escrito com letra inicial maiúscula para se contrapor ao termo ser (ôntico), com letra inicial minúscula, que consiste no “existente, distinto de ontológico, isto é, a propriedade empírica de um objeto” (ABBAGNANO, 2000, p. 727). Essa distinção entre ontológico e ôntico foi cunhada por Heidegger. Esta, de acordo com o dicionário de Filosofia Abbagnano (2000, p. 727) se dá da seguinte forma:

ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face dos outros entes, suas relações com outros entes em suas existências próprias (artificial, material ou natural) e ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes à investigação dos conceitos, concebidos pelos pensamentos lógicos, matemáticos, científicos e filosóficos. Todos aqueles em que consistem as modalidades ônticas, quais as categorias que se aplicam a cada uma delas (igualdade, diferença, número).

A diferença entre o que é ôntico e o que é ontológico é uma questão antiga, ressaltada nas investigações, abordando o princípio de todas as coisas. Recorre-se ao significado do dicionário especializado a fim de tornar os conceitos de ôntico e ontológico mais próximo do leitor, haja vista que esta diferenciação pe base para se entender o pensamento heideggeriano.

Sobre o ser ontológico, o argumento do filósofo alemão perpassa a pergunta pelo sentido, pela verdade do ser (em alemão: *Seyn*), uma vez que o questionamento filosófico encaminha-se para a verdade do ser, que se realizada historicamente:

A pergunta pelo “sentido”, ou seja [...], pela *verdade do ser* [*Seyn*], é e permanece *minha* pergunta [...], pois ela remete ao *único por excelência*. [...] Realizada e concebida historicamente converte-se na pergunta *fundamental*, frente à pergunta vigente da filosofia pelo ente [...] A pergunta pelo ser é o salto ao ser [*Seyn*] que o homem realiza como aquele que busca o ser [*Seyn*], enquanto um fazedor pensante. [...] Este ser - a historicidade - nunca é, em cada época, o mesmo. [...] O que se inaugura, na fundação do ser-aí, é o evento. [...] O ser [*Seyn*] se essência como evento. [...] O pensar o ser [*Seyn*], como evento, é o pensar inicial que, como confrontação

com o primeiro começo, prepara o outro (HEIDEGGER, 2006, p. 24; 27; 41-43, grifos do autor)

O humano, portanto, constantemente em transformação, se constitui no *devenir* (HEIDEGGER, 2006), a exemplo de nascer, morrer e mudar de qualidade, que são etapas denominadas de movimento, dentre os quais a maioria se apresenta nos opostos da natureza, a saber, quente-frio, seco-úmido, dia-noite.

Ainda que reconheçamos que a metafísica é uma discussão de outros pensadores importantes na tradição filosófica, propomo-nos focalizar o pensamento de Martin Heidegger, segundo o qual metafísica é o estudo cuja investigação filosófica gira em torno das questões: "O que É?", "o que É, enquanto existência?" e "o É refere-se à natureza própria das coisas?" (2011). A realidade investigada na perspectiva ontológica estabelece-se pela ideia de *Verdade*. Heidegger fala da verdade como desvelamento, como acontecer do fenômeno que se dá a ver. Jamais a verdade judicativa, aquela contrária a ideia de falso. No entanto, na tradição filosófica o Ser era entendido de diferentes maneiras, mas possuía um único sentido no que se refere a realidade e à essência de todos os entes (HEIDEGGER, 1979), ideia não mantida no Cristianismo.

Na obra *Sobre a questão do pensamento* (2009), Heidegger, ao inferir sobre as ações humanas que estariam ligadas ao pensamento, no fim da filosofia, passa a observar a forma do aparecimento do ser, na existência. Para isso, utiliza a metáfora da *clareira* que, por ser um espaço aberto, permite a incidência da claridade e da sombra, na ilustração de que a *verdade* só pode tornar-se existente (presentificar-se) através da *clareira*, a qual torna possível o aparecimento do *ser*. Nesse segmento de interpretação, cabe ao pensamento trazer o ser à existência, pois é o pensar que viabiliza o ser (re)velar-se na clareira:

[...] o fim da filosofia é o lugar, é aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua extrema possibilidade. [...] o fim é, como acabamento, a concentração de suas possibilidades supremas. [...] uma tarefa do pensamento [...] que não pode ser nem metafísica nem ciência? [...]

Impõe-se ao pensamento a tarefa de atentar para a questão aqui designada como clareira. A luz pode, efetivamente, incidir na clareira, em sua dimensão aberta, suscitando aí o jogo entre o claro e o escuro. Nunca, porém, a luz primeiro cria a clareira; aquela, a luz, pressupõe esta, a clareira. A clareira, no entanto, o aberto, não está apenas livre para a claridade e a sombra, mas também para a voz que ressoa e para o eco que se perde, para tudo que soa e ressoa e morre a distância. A clareira é o aberto para tudo o que se apresenta e ausenta [...] Da clareira, todavia, a filosofia nada sabe. Não há dúvida que a filosofia fala da luz da razão, mas não atenta para a clareira do ser. [...] Pois a verdade mesma, assim como ser e pensar, somente pode ser o que é, no elemento da clareira [...] (HEIDEGGER, 2009, p.67;76-77; 80).

Assim, ao afirmar que “a linguagem é a casa do ser” (HEIDEGGER, 2005, p.38), o filósofo engendra que a morada própria do ser (sua presença no mundo) é definida nas categorias de uma consciência pensante em si mesma, mas sobretudo sob as vias das palavras que povoam o pensamento. É essa uma das asserções que impulsionam Bakhtin (2010 [1920]) a reenunciar dizeres bakhtinianos, uma vez que, para o teórico russo, o ato concreto do ser - evento único - se dá na palavra.

Bakhtin, o ser e a linguagem: por uma *prima philosophia*⁷

Para uma Filosofia do Ato Responsável (Doravante PFAR), é um escrito de Bakhtin datado de 1920-1924 não se sabe ao certo, que foi resgatado por ele mesmo depois de aproximadamente cinquenta anos e publicado postumamente em 1986. Na literatura encontramos referências como o texto do filósofo russo e não do crítico da literatura. No início de seus escritos filosóficos (2010 [1920]) Bakhtin traz pela primeira vez seu pensamento sobre a conceituação de linguagem, o que, segundo Santana (2019, p. 67), se aplica “aos atos humanos”:

Eu penso que a linguagem está muito mais adaptada a enunciar precisamente essa verdade, e não o momento abstrato da lógica em sua pureza. Aquilo que é abstrato, em sua pureza, é de fato não enunciável: qualquer expressão é muito concreta para o puro

⁷ É em *Para uma Filosofia do Ato Responsável* que aparece pela primeira vez, entre parênteses, *essa* expressão (*prima philosophia*).

significado - ela distorce e ofusca a pureza e validade-em-si do significado. É por isso que no pensamento abstrato nós nunca compreendemos uma expressão em seu pleno sentido. (BAKHTIN, 2010, p. 104).

Assim, no bojo de reflexões que se materializam em terreno nacional sobre o pensamento de Bakhtin (BRAIT [2013]); OLIVEIRA (2016); SOBRAL (2009); MACEDO (2017); LEAL, FRANCELINO & SANTANA [2019]), compreende-se que, em posicionamento ativo adverso a um panorama abstrato, Bakhtin concebe os enunciados concretos a partir da alternância dos sujeitos dos discursos, em que o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra ao outro (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), tornando-se um ser responsivo e participativo por tudo o que enuncia (BAKHTIN, 2006 [1979]). Enforma-se, assim, um agente produtor de sentidos dado sócio-historicamente em situações concretas. Ainda segundo o pesquisador soviético,

Historicamente, a linguagem cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, e começa a servir o pensamento abstrato apenas em nossos dias²⁰. A expressão, do interior, de um ato realizado, e a expressão do Ser-evento único e unitário no qual esse ato é realizado, requerem a inteira plenitude da palavra: seu aspecto de conteúdo (a palavra como conceito) tanto quanto seu aspecto palpável expressivo (a palavra como imagem), e seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra) em sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena unitária pode ser responsabilmente válida, isto é, pode ser a verdade [*pravda*] em vez de alguma coisa subjetivamente fortuita. (BAKHTIN, 2010 [1920], p. 82).

Para além dos acontecimentos históricos e sociais que envolvem o ensaio inacabado PFAR, há uma problemática teórica sobre a argumentação do projeto filosófico de Bakhtin, segundo o qual tem o seu *gene* no referido escrito, que ficou oculto em um esconderijo na cidade de Vitebsk-Rússia. Isso porque a preocupação central de Bakhtin, no ensaio em realce, é a filosofia moral, ou mesmo, *prima filosofia*. Justamente, no referido ensaio está o aceno para a construção de uma *prima philosophia* até os últimos anos da década de 1940, quando formula as bases de uma filosofia da cultura. O tema

sobre a realização do dizer no mundo é uma das temáticas tratadas por Bakhtin (2010 [1920-1924], p. 50):

Enquanto o mundo autônomo teórico, abstrato, alheio por princípio à historicidade viva singular, permanece fechado em suas próprias fronteiras, a sua autonomia é justificada e inviolável são igualmente justificadas disciplinas filosóficas especiais como a lógica, a teoria do conhecimento, a psicologia do conhecimento, a biologia filosófica, que objetivam descobrir - teoricamente, isto é, segundo o conhecimento abstrato - a estrutura do mundo teoricamente cognoscível de seus princípios. Mas o mundo como objeto de conhecimento teórico procura se fazer passar como o mundo como tal, isto é, não só como unidade abstrata, mas também como concretamente único em sua possível totalidade; o conhecimento teórico visa, assim, construir uma filosofia primeira (*prima philosophia*) na forma gnosiológica ou de <? Palavra ilegível no original> teórico (de variado tipo biológico, físico, etc.). Seria absolutamente injusto pensar que esta seja a tendência predominante na história da filosofia: é antes, podemos dizer, a característica específica da época moderna, dos séculos XIX e XX em especial.

Desse modo, no primado de Bakhtin, viver é um assumir posições axiológicas, posicionar-se em relação a valores. Assim, a vida é o agir responsável. A filosofia da linguagem bakhtiniana acena para a responsabilidade do ato em relação com o outro e a partir de cada um. São três os verbos que tecem o viver, de acordo com posicionamento bakhtiniano: agir, valorar e interagir. Como se vê, a problemática tratada por Bakhtin encontra-se no interior do mundo concreto da vida do ser humano. O parâmetro do pensamento participativo bakhtiniano (2010, p. 66): “Somente do interior de minha participação posso compreender o existir como evento, mas este momento de participação singular não existe no interior do conteúdo visível, na abstração do ato enquanto ato responsável”.

Assim, a abrangência das (in)acababilidades filosófica (MACEDO, 2017) e (est)ética do sujeito (SANTANA, 2019) presume o reflexo integral, inteiro, artístico, ou seja, uma interrelação compreensiva-ativa, que é determinada pelo seu ativismo responsivo:

Mesmo que eu conheça inteiramente uma dada pessoa, e também a mim mesmo, eu ainda tenho de captar a verdade de nossa interrelação, a verdade do evento único e unitário que nos liga e do qual nós somos participantes. Isto é, o lugar e a função meus e dele,

e nossa interrelação no evento do Ser em processo, isto é, eu mesmo e o objeto da minha contemplação estética devem estar determinados dentro do Ser unitário e único que nos abrange igualmente e no qual o ato da minha contemplação estética é realmente executada; mas isso não pode mais ser um ser *estético*. É apenas dentro desse ato como minha ação responsável que pode haver um caminho para a unidade do Ser, e não de seu produto, tomado em abstração (BAKHTIN, 2010, p. 89, grifos nossos).

É nesse que compreendemos que cada sujeito é constituído na interação com outro(s) sujeito(s). A abordagem bakhtiniana, ao reenunciar dizeres heideggerianos, propõe o interrelacionamento semântico entre um ser e outro ser, identificação entre duas consciências (inter)subjetivas: o ser constituído na e pela linguagem.

Considerações finais

Ao longo do trabalho foi possível perceber que tanto Heidegger quanto Bakhtin constroem pensamentos sobre a concepção do ser e da linguagem. Tanto fomos às obras escritas pelos filósofos quanto recorremos a produções já existentes na área para robustecimento de nossa investigação. Através de pesquisa bibliográfica, incidimos olhares linguístico-científicos sobre a correlação existente entre as obras *Tempo e ser* (Heidegger) e *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin), dentre outras.

Bakhtin, ao reenunciar escritos heideggerianos, reelabora a concepção de ser e de linguagem. Na compreensão de Bakhtin, em diálogos com Volóchinov, o sujeito é constituído na alteridade, por uma linguagem que só existe na interação viva entre consciências.

Nossas palavras não são últimas nem acabadas, mas se inserem nessas (des)contínuas asserções filosóficas e científicas e buscam contribuir para um debate legítimo e necessário. Com isso, esperamos que o presente manuscrito instigue outros pesquisadores a se debruçar sobre as teias vivas de palavras e atos, que se apresentam nas esferas de usos de linguagem e requerem diálogos que ampliam conhecimentos. O ensaio *Para uma filosofia do ato responsável* apresenta debates que necessitam de aprofundamentos. Para

estudos ulteriores sugerimos discussões filosófico-discursivas entre Bakhtin (2010, p. 45) e Heinrich Rickert (1863-1936) ou as relações dialógicas de Bakhtin (2010, p. 47) sobre o momento do dever (Husserl). Com efeito, na obra supradita Bakhtin retoma os discursos filosóficos, ora para ressignificar ora para refutar, uma vez que, conforme Macedo (2017, p. 32) o discurso do referido ensaio “contém a genética de suas ideias”, que foram a Filosofia da Linguagem Bakhtiniana.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 2000.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro e João, 2010.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al (Orgs). Manual de Linguística. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernido Stein. São Paulo: Abril cultural, 1979. p. 257-271.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre a questão o pensamento*. Trad. de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Aportes a la filosofia acerca del evento*. Trad. Dina V. Picotti C. Buenos Aires: Editorial Biblos, [1989] 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEAL, José Luciano Marculino; FRANCELINO, Pedro Farias; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Olhares epistêmicos e(m) relações dialógicas: o gênero discursivo capa de revista. Revista DISSOL. Pouso Alegre (MG), ano 5, nº 9, jan-jun/2019.

MACEDO, Helcia. *Raízes filosóficas da filosofia Bakhtiniana da linguagem*. 1ª EDIÇÃO. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

MARCONDES, D. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. A Linguística aplicada, o círculo de Bakhtin e o ato de conhecer: afinidades eletivas são possíveis? In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta. *Estudos dialógicos: da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

SAMPAIO, H. C. M. *Bakhtin e Heidegger: caminhos para a compreensão e interpretação do acontecimento do ser na linguagem*. Bakhtiniana, São Paulo, 10 (3): 205-221, Set/Dez. 2015.

SIMÕES, P. H. O. *Ser e linguagem em Bakhtin: diálogos com a filosofia heideggeriana*. Ao pé da letra, Recife, v. 18 (1): 107-126, 2016.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Da linguística estrutural à linguística da enunciação: um percurso histórico-ideológico. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação*. João Pessoa: Ideia, 2019.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.